

Az CONFISZÓES DE MELZON RODRIGUEZ

CAPÍTULO CCXXXVIII

“A ira de Vandré foi um belo momento shakespeariano.”

1

Os que são velhos, como eu, conheceram os estereotipos das gera es românticas. Havia então uma permanente nostalgia do patético e do sublime. Morrer de amor, ou por amor, era uma honra; morrer simplesmente, sem amor, nem ódio, morrer de paratifo ou, até, de asma, era outra honra. E quando passava um ent rro de virgem, com o caixão de arminho, as mocinhas dos sobrados invejavam a morta e gostariam de estar no imaculado caixão. Bom tempo, em que a morte era mais promocional do que a vida.

2

Mas quem conta episódios admiráveis da vida romântica é o Eça. Num dos seus livros, não sei se “Os Maias”, há uma cena deliciosa. Imaginem um rapaz vestido de negro e pálido como um santo. É uma festa. Ele está, na janela, maravilhosamente s . E, ali, olhando a noite, que já vai para a madrugada, cheira uma flor, talvez cam lia. Muito olhado pelas damas, exalava uma nobre e inconsolável melancolia. E, súbito, vem a dona da casa e pergunta: — “Não dança?” O rapaz ergue a fronte di fana e responde: — “Como posso eu dançar, se a Pol nia sofre?”

3

Nesse rapaz que, junto à janela, beija uma cam lia; e não pode sorrir porque a Pol nia sofre, nesse rapaz está todo um Portugal, t da uma Europa. Outro que tem o mesmo valor social, humano, histórico, é o nosso Geraldo Vandré. Quem não o conhece? Com o seu sucesso no “Festival da Can o”, o nosso Vandré tornou-se uma súbita figura nacional. Abram os jornais, as revistas, ouçam os rádios, vejam as TVs. A fulminante celebridade de Vandré   de uma evidência estarrecedora.

4

E mais: — de domingo para c , sempre que tr s brasileiros se juntam, o assunto obrigatório, fatal, é a vil injustiça que lhe fizeram. Vandré concorria ao “Festival” com a sua “Pra Não Dizer Que Não Falei de Flôres”. Segundo se diz, ele devia tirar o primeiro lugar. Vai o Júri e d -lhe um misero e franciscano segundo lugar. Antes, porém, de passar no Maracanãzinho, preciso dizer quem é e como   Vandré. Vamos lá.



5

Dias atrás, um amigo meu cruza com o compositor e diz-lhe: — “Boa noite.” Ora, a um cumprimento responde-se com outro cumprimento. É o mínimo e o máximo que se pode fazer. O Vandré, porém, está bem acima de um automatismo tão crasso e tão ignaro. Assim saudado, êle se arremessa para o meu amigo, como se fôsse agredi-lo. Agarra-o pelos dois braços, sacode-o; diz-lhe, embargado: — “Como pode você me dar “boa noite”, se o mundo está em guerra?” O outro tomou o maior susto: — “Eu não tive intenção! eu não tive intenção!” É, realmente, o meu amigo não tivera nenhuma intenção, senão a de lhe dar boa noite. E o Vandré, em arrancos: — “Você não vê que estão morrendo no Vietnam?” O autor do imprudente “boa noite” quase correu, fisicamente, do Vandré.

6

Pode parecer talvez que eu esteja fazendo um exagêro caricatural. Por sua vez, os idiotas da objetividade dirão que o Vietnam está lá e o compositor aqui. Mas saibam que, no caso do Vandré, a distância não influi nas leis da emoção ou da indignação. Êle reage como se o Vietnam fôsse ali na esquina; e como se o chão que êle pisa estivesse juncado de vietcongs defuntos. Narrei o episódio para caracterizar o artista: — será nosso contemporâneo apenas nos ternos, gravatas e sapatos; mas por dentro tem a estrutura das gerações românticas. Já os familiares e conhecidos evitam cumprimentá-lo, porque o Vietnam sofre.

7

Dito isto, passo ao Maracanãzinho. Domingo, ia ser escolhida a música brasileira para o “Festival Internacional da Canção”. Não sei porque, meteu-se na cabeça de muitos, inclusive do próprio Vandré, que sua letra e sua música iam ser as ganhadoras fatais. Vocês entendem a minha perplexidade? Informa o senso comum que qualquer competição, seja o Prêmio Nobel ou de cuspe à distância, tem os seus imponderáveis. A começar pelos juizes. São 15 sujeitos e temos de admitir a “verdade de cada um”, verdade que foi, como se sabe, o ganha-pão de Pirandelo. Todavia, Vandré e seus partidários, que eram numerosos e ululantes, estavam maravilhosamente certos da vitória.

8

Dai a crudelíssima desilusão. Os jurados preferiram “Sabiá”, de Chico e Tom. Ao nosso Vandré coube o segundo lugar. Outro qualquer estaria soltando os foguetes da vaidade, e telefonando para casa: — “Tirei o segundo lugar! tirei o segundo lugar!” Seria uma glória para a família, para a namorada etc. etc. Mas Vandré não tem as reações de qualquer um. Assim como não admite que o cumprimentem, também não aceita um relés segundo lugar. O resultado doeu-lhe, fisicamente, como uma nevralgia.

9

estava falsamente derrotado. Na verdade, merecera uma colocação nobilíssima. Não tinha que sofrer como se o segundo lugar fôsse a mais hedionda das lanternas. Os que estavam lá, no Maracanãzinho, viram muito pouco. Havia entre a platéia e o palco uma deplorável distância visual. Ao passo que o vídeo amplia a cara, o gesto, o espanfo. Eu, em casa, com a televisão ligada, vi tudo e com prodigiosa nitidez. E, sobretudo, vi a bela, forte, crispada e jovem cara de Vandré.

10

Êle acabara de saber que era, apenas e miseravelmente, o segundo colocado. Os presentes não puderam sentir o seu patético, mas o telespectador, sim. Para nós, de casa, a cara de Vandré tomou a expressão cruel, vingativa, de certas máscaras cesarianas. Lia-se tudo na jovem cara. Houve um momento em que, instigado pelos seus fiéis, Vandré perguntou, de si para si: — “Abro ou não o verbo.” Seria o comício.

11

Nas velhas gerações, o brasileiro tinha sempre um sonêto no bôlso. Mas os tempos parnasianos já passaram. Hoje, ferozmente politizado, êle tem sempre, à mão, um comício. Outrora sonêto, hoje comício. Eis a perplexidade que o telespectador percebia, com perfeita visibilidade: — Por um lado, o comício fascinava Vandré como um abismo; por outro lado, era amigo do Chico e do Tom. Mas eis o que eu queria dizer: — um concorrente frustrado só devia aparecer de máscara, como nos velhos carnavais. Apenas o primeiro colocado teria o direito de fotografar-se de rosto nu.

12

Então o Vandré cometeu o erro de saudar os concorrentes vitoriosos. Só êle e Deus sabem o esforço braçal que lhe custou essa concessão às boas maneiras. Mas um artista não pode ser convencional. Sei que, por um instante, quase partiu para o comício. Foi quando começou: — “Nem tudo é Festival!” Disse isso e não foi além. Assim traiu a própria ira, traiu o próprio ressentimento. Ninguém pôs uma máscara compassiva no ódio tão forte, ingênuo e impotente.

13

Outro momento inesquecível: — a cara de Tom Jobim. Ao saber-se premiado teve espasmos triunfais de vibora moribunda. Somos uma pátria de cavas depressões; e a cara de Tom Jobim, na vitória, devia ser exibida por todo o Brasil. Como é trágica a euforia do subdesenvolvido premiado. O nosso Tom foi, aos Estados Unidos, fêz músicas para Sinatra, é uma glória internacional. Só faltou atirar beijos como uma menina de préstito carnavalesco. Um americano embolsa um prêmio com um tédio sarcástico. O francês recebe um favor como se estivesse fazendo um favor ao favor. E o nosso Tom, ao impacto do triunfo, quase foi para a tenda de oxigênio.